



<https://doi.org/10.51880/ho.v25i2.1267>



Narrativas orais e fontes visuais: uma metodologia para conhecer relações fenomenológicas entre sujeitos e antigos lugares de trabalho

Ana María Sosa González*

ORCID iD: 0000-0001-7249-4618

Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em História, Pelotas, Brasil

Daniela Vieira Goularte*

ORCID iD: 0000-0001-7108-9928

Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Pelotas, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta uma metodologia criada com o objetivo de conhecer a dimensão intangível – formada por memórias, significados e percepções – existente entre sujeitos de diferentes grupos com respeito ao patrimônio industrial da “Zona do Porto”, na cidade de Pelotas (RS). A partir da identificação de um problema relacionado à preservação e reutilização do patrimônio industrial local se trabalhou numa análise dialética, através do movimento regressivo-progressivo (Lefebvre, 2013), somada à combinação de instrumentos de coleta de dados como mapas mentais, entrevista semiestruturada baseada na metodologia da História Oral e foto/objeto-elicitação, formando um eficiente conjunto de narrativas orais que se complementaram com fontes visuais. Seguindo as recomendações da Carta de Sevilha (TICCIH-Brasil, 2018) que indica a necessidade de pensar modelos participativos mais inclusivos para os cidadãos, a pesquisa buscou conhecer esses aspectos intangíveis, para que possam se integrar a novas formas de preservação e legitimação junto à sociedade civil, e assim fortalecer o sentimento de pertencimento da comunidade com seu patrimônio. A metodologia baseada na alternância de narrativas (orais e visuais) se mostrou apropriada para abordar as questões de memória, ressignificações dos antigos espaços industriais e assim promover a preservação e valorização do patrimônio industrial da cidade de Pelotas.

Palavras-chave: Patrimônio Industrial. Relações fenomenológicas. Narrativas. História de Pelotas.

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul (PUC-RS). Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em História da UFPEL. E-mail: anasosagonzalez@gmail.com.

Oral narratives and visual sources: a methodology to know phenomenological relationships between subjects and old places of work

Abstract: This article presents a methodology created with the objective of knowing the intangible dimension – formed by memories, meanings and perceptions – existing among subjects of different groups about the industrial heritage of the “*Zona do Porto*”, in the city of Pelotas (RS). From the identification of a problem related to the preservation and reuse of the local industrial heritage, the proposal was developed by a dialectical analysis, through the progressive-regressive movement (Lefebvre, 2013), added to the combination of data collection instruments such as mental maps, semi-structured interview based on in the methodology of Oral History and photo/object-elicitation, constituting an efficient set of oral narratives that complemented with visual sources. Following the recommendations of the Seville Charter (TICCIH-Brasil, 2018) which indicates the need to think about more inclusive participatory models for citizens, the research sought to know these intangible aspects, so that they can integrate with new forms of preservation and legitimization with civil society, and thus strengthen the sense of belonging of the community with its heritage. The methodology based on the alternation of narratives (oral and visual) performed appropriately to approach the issues of memory, resignifications of the old industrial spaces and thus promote the preservation and valorization of the industrial heritage of the city of Pelotas.

Keywords: Industrial Heritage. Phenomenological relations. Narratives. History of Pelotas.

Introdução

O presente artigo reflete sobre a abordagem metodológica utilizada para conhecer as dimensões intangíveis que envolvem o patrimônio industrial localizado em Pelotas (RS), na “Zona do Porto”. Tal discussão parte da criação de fontes orais com colaboradores diversos que têm tido distintos vínculos com esse patrimônio. O uso da História Oral mostra-se novamente como uma metodologia adequada para abordar diferentes memórias vinculadas a momentos distintos dos usos de prédios industriais, os quais foram posteriormente adquiridos pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) para fins acadêmicos. Não obstante, ampliou-se o diálogo com outras fontes e instrumentos de coleta de dados como os mapas mentais e a foto/objeto-elicitação que completaram o quadro de recordações dos indivíduos acrescentando às narrativas orais diversos elementos visuais que contribuíram para tais narrativas.

O campo do patrimônio cultural tem se ampliado e complexificado, sendo o patrimônio industrial um tipo específico de patrimônio cuja conceitualização foi revisada e aprofundada nos últimos anos. Atualmente é entendido como os vestígios da cultura industrial com valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico, compreendendo as edificações, maquinários, oficinas, fábricas, minas, locais de processamento e de refinamento, armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as infraestruturas e locais onde se desenvolvem atividades sociais relacionadas à indústria, segundo a Carta de Nizhny Tagil (TICCIH-Brasil, 2003). Posteriormente, na Carta de Sevilha de Patrimônio

Industrial (2018) reafirmou-se, entre outros aspectos, o valor cultural dos testemunhos materiais e imateriais vinculados a essas atividades produtivas, assim como a crescente consciência cidadã para a manutenção e conservação desse patrimônio (TICCIH-Brasil, 2008).¹ Isto vem ao encontro do que Letícia Bauer e Viviane Borges observaram a respeito de projetos expográficos que as autoras coordenaram: “a incursão dos ‘novos’ ou ‘outros patrimônios’ em instituições e/ou espaços de memória é acompanhada pelo incentivo à participação cidadã, colocando novos e importantes desafios ao campo do patrimônio cultural” (Bauer; Borges, 2018, p. 34).

Nessa linha, Alessandro Portelli, no prefácio do livro *Conversando sobre patrimônio industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*, refere-se ao abandono das estruturas industriais e ao “desperdício” material (ao se transformar em ruína) e de vida ali transcorrida, no sentido que “o abandono de lugares onde as pessoas viveram, trabalharam, lutaram, comport[a] também o cancelamento das vidas de quem as fez viver” (Portelli, 2018, p. 7). Ou seja, tanto quanto as estruturas físicas e o papel das iniciativas fabris na história e no desenvolvimento das cidades, com seus impactos positivos e negativos, interessa preservar as memórias de trabalhadores e trabalhadoras que atuaram nesses locais, assim como sua transmissão para uma real valorização desse legado. Para o autor, “a recuperação do Patrimônio histórico de bens materiais-industriais se torna um modo importante para contar uma outra história, a história de gente comum que materialmente construiu a cidade e a fez viva”, por isso é fundamental “que a recuperação e o reuso não traíam a razão de ser, a história, a função dessa realidade” (Portelli, 2018, p. 8).

Para a construção deste artigo se conjugou os resultados obtidos na pesquisa desenvolvida no âmbito do grande projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel: memória dos lugares de produção industrial e suas possibilidades de pesquisa a partir do trabalho com as comunidades” e a investigação realizada por Goularte (2021). Ao serem identificados um conjunto de problemas relacionados com o processo de transformação da área (correspondente à região portuária), e com a preservação e reutilização do patrimônio industrial do lugar, constatou-se a insatisfação manifestada por uma parcela específica da comunidade com relação à maneira como a Universidade promoveu a reutilização desse patrimônio industrial. De acordo com as recomendações das Cartas Patrimoniais² observa-se que o patrimônio industrial local vem sofrendo intervenções que causam prejuízo aos seus valores e autenticidade. Além disso, conforme mencionado anteriormente, a Carta de

¹ Sem desconhecer a importância de todos os pontos citados na Carta de Sevilha, interessa aqui considerar os que têm relação direta com a dimensão intangível do patrimônio industrial.

² As Cartas Patrimoniais são documentos de abrangência internacional, firmados a partir de encontros técnicos-científicos e possuem caráter de prescrição e/ou recomendação, servindo de referência às ações sobre determinado bem patrimonial. O Patrimônio Industrial possui três documentos voltados à sua salvaguarda: a Carta de Sevilha é a mais recente (TICCIH-Brasil, 2018), os Princípios de Dublin (TICCIH-Brasil, 2011) e a Carta de Nizhny Tagil (TICCIH-Brasil, 2003).

Sevilha (TICCIH-Brasil, 2018) indica a necessidade de pensar modelos participativos mais inclusivos para os cidadãos, recomendando fortemente a introdução dos aspectos intangíveis que compõem a memória coletiva desses antigos locais de produção.

Neste sentido, a pergunta que a pesquisa buscou responder foi: Como a comunidade percebe o patrimônio industrial inserido na paisagem urbana, quais valores lhe são atribuídos, e quais são as memórias a ele relacionadas? Com isto buscou-se conhecer e confirmar a existência de uma dimensão intangível – formada por diferentes memórias, valores formais e simbólicos, percepções e relações afetivas – desenvolvidas pela comunidade local em relação a esse patrimônio, a qual era desconhecida e conseqüentemente desconsiderada nas práticas de planejamento e de reutilização patrimonial.

Considerando a trajetória histórica do lugar e os significados que ele possui para a sua comunidade, e diante dos problemas identificados no processo de preservação e reutilização do mencionado patrimônio industrial, a pesquisa que sustenta a discussão proposta neste artigo propôs analisar as relações fenomenológicas desenvolvidas entre sujeitos pertencentes a diferentes grupos, com o propósito de produzir conhecimentos que possam vir a contribuir para transformar aquilo que está sendo visto como um problema.

O lugar e as relações fenomenológicas desenvolvidas pelos sujeitos

A origem da cidade de Pelotas está diretamente ligada à monocultura do charque,³ atividade que se desenvolveu através da exploração da mão de obra escrava, em fins do século XVIII, às margens do Arroio Pelotas, cuja riqueza gerada impulsionou a construção do seu espaço urbano (Gutierrez, 2001). Essa atividade foi sendo gradativamente superada pela atividade industrial, que se iniciou na cidade em meados do século XIX, impulsionada primeiramente pelo crescente movimento de imigração alemã e finalmente pela abolição da escravatura em 1888.

A atividade industrial se desenvolveu inicialmente às margens do Canal São Gonçalo devido à proximidade com o Porto, cujo transporte fluvial iniciou em 1832 para atender a demanda comercial do charque. Em 1884, a construção da malha ferroviária próxima ao Canal contribuiu para a formação de microrregiões (bairros) com caráter industrial e operário, entre essas duas infraestruturas de transporte. A partir da segunda metade do século XX, essa conjuntura industrial foi gradativamente alterada pelo surgimento de novas técnicas, novos modelos econômicos e de infraestrutura, tornando

³ O charque é uma carne salgada, desidratada ao sol. A carne era cortada em mantas colocando camadas de até 2 cm de sal, garantindo, assim, a sua conservação por mais tempo; e posteriormente eram pendurados em varais para secagem através da exposição solar.

esse espaço urbano e seus edifícios industriais obsoletos. Inicia-se assim o processo de desindustrialização da “Zona do Porto” (como o lugar é conhecido popularmente), que foi alterando a paisagem do local conduzindo-o para um significativo abandono.

Diante da crise, do abandono da área e da degradação dos prédios, se buscou novas formas de solucionar as problemáticas espaciais e econômicas, atribuindo novos usos a esses antigos lugares de trabalho (Vieira, 2005). Em 1996, como forma de atender as necessidades locativas, produto da expansão institucional da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), foi adquirido o prédio da antiga Fábrica de Lã, Cooperativa Sul Rio-Grandense de Lã (Cosulã) e seus galpões. Posteriormente, através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), a Universidade adquiriu: em 2006, o complexo do Frigorífico Anglo; em 2008, o Moinho Santista; em 2009, a Fábrica Cotada; em 2010, o Prédio da Alfândega; e em 2012 o prédio da Cervejaria Brahma (Cervejaria Sul Rio-Grandense) (Sosa González, 2019). Dessa forma, ao longo de aproximadamente 20 anos foram sendo adaptados antigos locais industriais – entre outros – para um uso acadêmico, acompanhando assim o processo de expansão da Universidade e seus cursos.

Esse novo uso não foi acompanhado de um sistemático trabalho de preservação da memória desses locais,⁴ assim como não foram integradas no processo de preservação e reativação as memórias dos(as) trabalhadores(as) e antigos moradores(as) do bairro. Através do projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPEL” realizou-se a sistematização dos trabalhos acadêmicos produzidos em diversos cursos da Universidade que se relacionam direta ou indiretamente com o esse patrimônio industrial, assim como a reconstrução histórica a partir das narrativas dos ex-trabalhadores(as).⁵ Trata-se de um amplo projeto no qual participam estudantes da Graduação e da Pós-Graduação em História e de vários Programas de Pós-Graduação da instituição, muitos dos quais desenvolvem em suas pesquisas individuais temáticas que contribuem diretamente com esse grande projeto.⁶

A “Zona do Porto”, lugar onde se encontram cinco dos seis antigos prédios industriais adquiridos pela UFPEL assim como outras antigas fábricas reconhecidas e protegidas pelos seus atributos patrimoniais,⁷ conta com uma densa história vinculada

⁴ Sem desconhecer as interessantes iniciativas e projetos de pesquisa desenvolvidos por professores e estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB) e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP), entre outros.

⁵ Para saber mais, visite o site do projeto. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/patrimonioidustrial/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

⁶ Esse é o caso da pesquisa desenvolvida por Daniela Vieira Goularte intitulada “Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e a universidade: o lugar da UFPEL no Porto de Pelotas, RS” que dá sustento à discussão proposta neste artigo.

⁷ O Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas foi criado pela Lei Municipal nº 4.568/2000 e atualizado pelos Decretos nº 4.490/2003 e nº 4.703/2004 (Pelotas, 2000). Conforme avaliação da Secretaria Municipal de Cultura, todos os prédios industriais inclusos nesse documento estão enquadrados no Nível 2 de preservação, definido pelo III Plano Diretor de Pelotas (Pelotas, 2008).

aos mundos do trabalho e da urbanização da cidade que se intensificou na primeira metade do século XX. Sua paisagem se constitui de um acúmulo de elementos resultantes dos processos de permanências e rupturas dos modelos socioeconômicos vivenciados pela cidade.

Como fora mencionado, a pesquisa buscou conhecer apenas narrativas de sujeitos que tiveram relações diretas com o lugar durante estes três períodos: o Período Industrial, o Período do Abandono e o Período Universitário. Com isso, os sujeitos investigados foram organizados pelos seguintes grupos: antigos trabalhadores, cujas narrativas estão relacionadas ao mundo do trabalho e às relações sociais desenvolvidas dentro e fora das fábricas no Período Industrial; exploradores urbanos, cujas narrativas estão vinculadas ao usufruto dos espaços na condição de ruínas durante o Período do Abandono; e comunidade acadêmica, cujas narrativas estão vinculadas à rotina universitária e às relações desenvolvidas dentro e fora da Universidade Federal de Pelotas, no Período Universitário. Para os dois primeiros grupos foram realizadas entrevistas semiestruturadas baseadas na metodologia da História Oral que se complementaram com a construção de mapas mentais e a foto/objeto-elicitación. Já para o terceiro grupo, composto por pessoas que têm um vínculo recente com esses locais, foram aplicados dois questionários *online* (conforme detalhe da Tabela 1).

Uma metodologia combinando narrativas orais e visuais

A reflexão proposta para este artigo reivindica o uso da História Oral em conjunto com fontes visuais e visitas em campo, que demonstraram ser eficazes para conhecer aspectos da relação dinâmica entre os sujeitos e o lugar, podendo contribuir para a produção de conhecimento que possa se integrar a novas formas de preservação e legitimação junto à sociedade civil, fortalecendo o sentimento de pertencimento da comunidade com seu patrimônio.

Considera-se que a metodologia proposta permite observar as subjetividades através da construção de narrativas e assim perceber as experiências, as diversas versões vinculadas aos diferentes tempos e relações com esses bens culturais, além de ir ao encontro das recomendações sobre o envolvimento das comunidades com seus patrimônios, baseado no respeito e valorização das vivências de cada indivíduo naquele espaço. Reforça-se ainda que as fontes orais entendidas como uma cocriação entre entrevistado ou colaborador e o pesquisador é algo que acontece no presente em vez de apenas um testemunho do passado. (Portelli, 2016, p.19).

O trabalho assumiu uma postura analítico-dialética, partindo da realidade que se conhece no presente (universitário), voltando ao passado para conhecer aspectos daquela realidade (industrial), vistos sob a ótica do presente, e retorna com novas reflexões,

visando a um novo encaminhamento dessa realidade para o futuro. Esse movimento regressivo-progressivo (Lefebvre, 2013) permite o trânsito em duplo sentido pelo curso da história, contribuindo para a compreensão de que o movimento dialético não conduz a história por caminhos predeterminados, os chamados determinismos históricos, pois, mesmo que o sentido de orientação do tempo histórico do passado para o futuro seja irreversível, “as épocas se interpenetram, estabelecendo vínculos recíprocos que alteram a trajetória e os significados do caminhar” (Duarte, 2006).

O método de investigação fenomenológico adotado pretendeu descobrir dados originais sobre as relações desenvolvidas entre os sujeitos e os antigos lugares de trabalho, através de uma combinação de instrumentos de coleta de dados que formaram um conjunto de narrativas orais complementadas com fontes visuais: fotografias e mapas mentais. A motivação para criar essa combinação baseou-se no fato de que existe uma resistência, por parte dos planejadores profissionais, em considerar o que as pessoas sentem sobre espaços e lugares e como os experienciam, porque o tempo de execução dos profissionais não é compatível com o tempo necessário para se conhecer os desejos da comunidade (Tuan, 2013). No entanto, o autor menciona que a arte literária contribui para a comunicação de experiências em relação aos lugares.

Muitos lugares, altamente significantes para certos indivíduos e grupos, têm pouca notoriedade visual. São conhecidos emocionalmente, e não por meio do olhar crítico ou da mente. Uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar. (Tuan, 2013, p. 200).

A combinação dos instrumentos considerou, primeiramente, o fato de que produzir uma narrativa significa contar uma história, explicar um acontecimento, transmitir uma experiência ou ensinamento, através da capacidade elementar de comunicação humana (Barthes, 1993, *apud* Jovchelovitch; Bauer, 2008). Por analogia, adotou-se a narratividade no lugar da literatura.

Consecutivamente, considerou-se o poder que a visão tem para “invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo seu corolário de emoções, facto do qual se pode tirar proveito para criar situações de fruição extremamente intensas” (Cullen, 2013, p. 10), e associou-se o fato de que as imagens funcionam como suportes de narrativas (Manguel, 2001):

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou escaneadas –, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio), conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (Manguel, 2001, p. 27).

A combinação dos instrumentos baseou-se também na relação entre narratividade

e memória. A partir do texto de Aristóteles, intitulado *Da memória e da reminiscência*, Ricoeur (1998) adota a definição mais geral de memória, aquela que para Platão é *eikôn* (a imagem), que significa “tornar presente a ausência” ou “tornar presente o ausente”, mas não o ausente tido como irreal ou imaginário, e sim o “ausente-que-foi”, o precedente. Para relacionar memória com narratividade, o autor pressupõe, por um lado, tornar presente a anterioridade que foi e, por outro, estabelecê-la pelo discurso.

A passagem da memória à narrativa impõe-se assim: lembrar-se, de forma privada assim como de forma pública, é declarar que ‘eu estava lá’. O testemunho diz: ‘Eu estava lá’. E esse caráter declarativo da memória vai se inscrever nos testemunhos, nas atestações, mas também numa narrativa pela qual eu digo aos outros o que eu vivi. (Ricoeur, 1998, p. 44).

De acordo com Benjamin (1987), a tradição oral da narrativa remonta à antiguidade grega, onde *Mnemosyne*, a deusa da reminiscência, era a musa da poesia épica, e responsável por tecer a rede na qual todas as histórias estavam constituídas entre si. É ela quem funda a cadeia da tradição, que transmite conhecimentos, de geração em geração, através da faculdade da memória e da narrativa. De acordo com o autor, a tradição oral da narrativa entrou em declínio com o surgimento do romance, no início do período moderno, e com as novas formas de comunicação. Diante da adesão da burguesia ao romance, a narratividade tornou-se arcaica, “E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual” (Benjamin, 1987, p. 205).

A História Oral é utilizada como recurso metodológico para conhecer a história a partir de outras perspectivas, através da narrativa de pessoas comuns (protagonistas e testemunhos desse passado industrial no caso), e não das fontes autorizadas ou dos documentos oficiais, dando espaço para que elas possam transmitir seus conhecimentos e contribuir para o conhecimento histórico, assim como para a integração dessas memórias no que se entende como patrimônio industrial.

Os instrumentos de coleta de dados foram propostos baseados na estimativa possível de participantes, e de forma que fosse viável sistematizar os resultados. Com isso, propôs-se diferentes instrumentos para os diferentes grupos, os quais foram distribuídos conforme a tabela a seguir:

Grupo	Instrumentos utilizados
Antigos trabalhadores	Mapa mental Entrevista História Oral semiestruturada (temática) Foto/Objeto-elicitação

Exploradores urbanos	Mapa mental Entrevista História Oral semiestruturada (temática) Foto-elicitación
Comunidade acadêmica	Questionário 1 (<i>online</i>) Questionário 2 (<i>online</i>)

Tabela 1 – Grupos pesquisados e instrumentos aplicados.

O mapa mental se baseou nos estudos desenvolvidos por Kevin Lynch, na década de 1960, onde o autor propôs analisar a imagem da cidade formada mentalmente pela população, a partir de desenhos produzidos pelos participantes. A imagem formada mentalmente se constitui no “quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador” (Lynch, 1997, p. 4), e nela é possível identificar as qualidades visuais e físicas das cidades. A imagem mental de determinado ambiente pode variar significativamente entre os seus diferentes observadores ou colaboradores, o que foi constatado nos dois grupos correspondentes aos dois momentos diferentes que a pesquisa indagou: o tempo da indústria e do abandono. Porém, Lynch defende que, mesmo com essas diferenças individuais, há imagens que são consensuais entre membros de um mesmo grupo, o que também se verificou neste estudo. Para ele, são essas imagens “que interessam aos planejadores urbanos dedicados à criação de um ambiente que venha a ser usado por muitas pessoas” (Lynch, 1997, p. 8).

Dessa forma, esta pesquisa propôs-se a criação de narrativas associadas ao mapa mental produzido pelos dois primeiros grupos de colaboradores. Entende-se igualmente que as narrativas dos grupos de colaboradores que referem aos tempos diferentes vinculados ao patrimônio em questão por momentos se superpõem e entrelaçam, priorizando-se as recordações do tempo relacionado ao motivo da escolha desse colaborador/a, ou seja, o Período da Indústria, ao Período do Abandono e ao Período da Universidade, respectivamente.

A entrevista com foto-elicitación (EFE) é um método que incorpora fotografias à entrevista, propiciando de maneira agradável a autoexpressão e possibilitando que o informante seja capaz de explicar e identificar o conteúdo daquela fotografia, demonstrando ao entrevistador o seu conhecimento sobre o objeto pesquisado (Collier, 1973 *apud* Mendonça; Viana, 2007). Os autores mencionam que existem quatro tipos de relação entre pesquisador e pesquisado ao utilizar fotografias, dentre as quais a pesquisa utilizou o “Tipo III – o pesquisador, como espectador, pode pedir ao sujeito (como demonstrador) que lhe mostre fotografias sobre determinado tópico ou período” (Flick, 2004 *apud* Mendonça; Viana, 2007). Para a pesquisa, entrevista e foto-elicitación foram desvinculadas, constituindo instrumentos de coleta de dados independentes. Outra adaptação feita nesse método foi a incorporação de objetos, caso os participantes não tivessem fotos, criando-se assim a etapa “foto/objeto-elicitación”.

Desde a década de 1980, a associação entre imagem e memória é utilizada por

Von Simson (2005) em pesquisas realizadas com diferentes grupos sociais. Em projeto desenvolvido sob a sua coordenação,⁸ foi possível identificar as transformações (ou não) do uso do espaço urbano, bem como a manutenção (ou não) de costumes do passado na cotidianidade atual dos bairros, a partir do diálogo entre o registro fotográfico desenvolvido simultaneamente à pesquisa e imagens do passado. Além disso, o trabalho mostrou que nesse tipo de pesquisa é importante levar em consideração a maneira como cada grupo encara “o uso da imagem no processo de registro e transmissão do passado” (Samain, 2005, p.31), fato que pode ser observado no trabalho que embasou este artigo.

Narrativas dos antigos trabalhadores

O grupo que representa os antigos trabalhadores é formado por 4 participantes,⁹ e se caracteriza por indivíduos de idade entre os 54 e 68 anos, dos quais um ainda mora no bairro, outro foi morador do Porto mas se mudou para um bairro adjacente, e dois sempre moraram em bairros distantes do Porto. A combinação dos instrumentos aplicados a esse grupo buscou informações relacionadas à composição original do espaço fabril e do seu entorno, informações gerais sobre o funcionamento da fábrica, as relações interpessoais e de trabalho, e a percepção da reutilização do patrimônio local pela UFPel, bem como valores atribuídos a tudo isso.

Os trechos selecionados a seguir, demonstram que suas memórias são repletas de valores e afetos atribuídos ao trabalho em si e ao seu cotidiano, às relações pessoais, e ao reconhecimento pessoal.

Ah, lembrança que eu tenho era de que eu gostava de trabalhar, era um serviço bom, que a gente trabalhava com gosto, com prazer de fazer aquilo ali, era bom porque eu sempre gostei de trabalhar com caminhão, então, pra mim aquilo ali era tudo. Senti muito quando saí [risos]. Da minha vontade nunca saía, né. Pra mim estava gostando se tivesse trabalhando até hoje, funcionando, que era uma fábrica que dava bastante emprego para o pessoal, tinha acho que mais de duzentos funcionários. (Gerson Jesus Pereira, 2019).

As recordações que eu tenho, as melhores que eu tenho, fora os meus companheiros de trabalho, só encontrei gente boa, [...] eu acho que eles davam valor às pessoas, então eu acho que satisfação maior é essa, da pessoa ser reconhecida no trabalho, pelos

⁸ Projeto Integrado: Persistências e Mudanças no Viver Urbano Campineiro: os Bairros de Cambuí e Vila Industrial. Relatório CNPq – abril de 1995.

⁹ Como os antigos trabalhadores não manifestaram objeção em se identificar, o critério adotado para a sua identificação foi a descrição de seus nomes e sobrenomes, seguido pela idade e data da entrevista (conforme se verá nas referências finais).

patrões e pelos próprios companheiros de trabalho. [...] Pra mim a fábrica toda, em qualquer lugar que eu tivesse estaria bem, todos locais eu estaria bem, eu me sentia bem em qualquer lugar, inclusive [...] um dos locais que eu desenhei lá no fundinho, no último prédio lá em baixo, aquilo lá não existia mais nada quando eu fui pra lá, lá era a fábrica da salsicha, quando eu fui pra lá não fabricavam mais, então eu tinha muita curiosidade e eu ia seguido lá, eu ia entender como é que funcionava a coisa lá, porque naquela época eu estava com 18 anos eu queria só saber das coisas, [...] sempre procurei conhecer todos os cantinhos que existiam eu procurava conhecer. (Vitor Hugo Huckembeck, 2021).

Era lindo, aquilo lá era uma família, tudo o mundo se conhecia, os clientes, faziam parte, todos conheciam [...]. Inexplicável, dá muita saudade. [...] O prédio do Moinho é aquele mais alto. Aquele prédio do Moinho tinha uma mecânica, [...] quando era descarregado o trigo lá naquela parte do caminhão graneleiro chegava e descarregava o trigo que é de frente à praça, dos fundos, a praça da Alfândega. (Marcelo Wong Lopes Niok Sang, 2021).

Destas falas fica evidente aquilo de que “todo tempo passado foi melhor”, as lembranças saudosas, da juventude, das vivências naquele espaço foram recorrentes em todas as entrevistas com os antigos operários.

Foi solicitado aos entrevistados que desenhassem o mapa mental para comentá-lo posteriormente, gerando assim uma narrativa *à posteriori*. O exemplo a seguir mostra um mapa mental (Figura 1) seguido de sua narrativa.

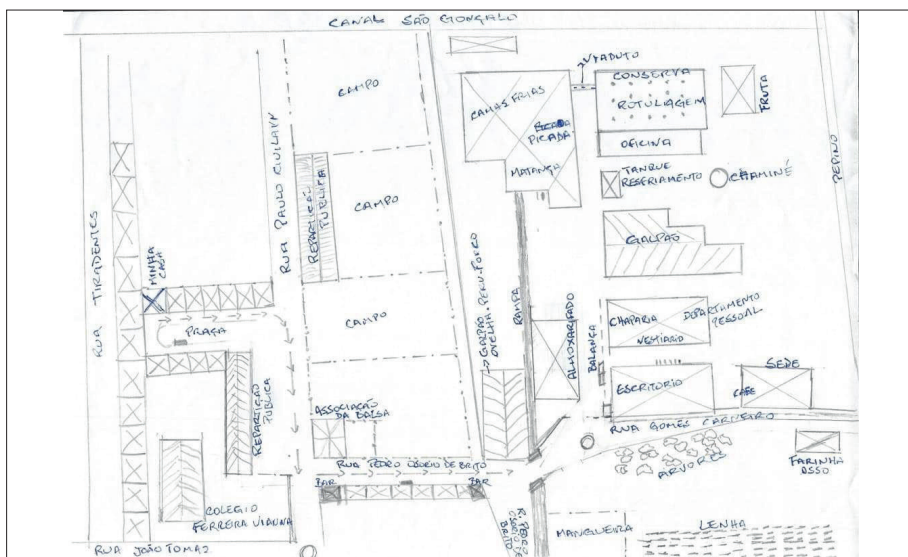


Figura 1 - Desenho do mapa mental elaborado pela Sra. Maria Elizabete Silveira.
Fonte: acervo de Daniela Vieira Goularte (2021).

Aqui seria a casa da minha mãe, [...] daí daria uns 10 minutos, nem isso, acho que 5 minutos até a entrada do Anglo, porque dali da minha casa eu enxergava tudo o que se passava, principalmente lá na parte mais alta, onde era a matança, a picada, a gente enxergava o pessoal até descendo, que é aqui, onde hoje é a faculdade, aqui assim. [...] Tinha uma escada que a gente via todo o pessoal descendo [...] quando eu saía de casa pra ir trabalhar, geralmente era horário que passava os bois que iam subir pra matança, [...], tinha que controlar o horário porque fechavam o portão, [...] [os bois] entravam por trás de onde hoje é a biblioteca. [...] Essa parte escura que eu fiz aqui, bem aqui assim, essa parte escura seria indicando a rampa [...] que eles subiam pra ir pra matança. Essa parte que eu fiz mais escura, que tem pro lado das mangueiras, e subindo pra matança, [...], porque a matança era no segundo andar. [...] Esse galpão que eu botei aqui, diz repartição pública, esse aqui, mais em cima, isso era herança de uma charqueada, que depois a Prefeitura usava pra guardar os burros e as carroças, eu não sei... acho que tu não conhecesses como era feito, não tinha banheiro, como era recolhido os dejetos das casas, dos banheiros, não sei se tu chegou a conhecer o nome, [...] Aqui tem o colégio, aqui também, aqui era repartição pública, onde eles faziam os cabungos e tinha escritório, eles guardavam a alfafa dos animais, era uma correria assim de casas que tinha, que tudo era derivado das charqueadas, de uma charqueada que tinha ali. O colégio Ferreira Viana era uma casa de uma charqueada, e os fundos do colégio praticamente dava pra casa da minha mãe. (Maria Elizabete Huckembeck Silveira, 2021).

O mapa mental e narrativa se complementam. Juntos eles contam como era o espaço construído da fábrica, os percursos percorridos, tanto dos trabalhadores quanto da matéria prima. O mapa mental auxilia na visualização e compreensão dos relatos sobre as rotinas de trabalho na fábrica, de suas relações interpessoais, assim como a reconstrução do lugar naquela época.

Por outro lado, as quatro narrativas citadas privilegiam o tempo da indústria, nas três primeiras, fica evidente a importância dada ao trabalho e às relações ali construídas, porém na fala da Sra. Silveira percebe-se a superposição e entrelaçamento dos tempos, transitando entre o tempo da universidade (o presente, com detalhes do que é identificável atualmente) e o tempo da indústria (o passado, composto pelas suas lembranças, narrando atividades que não acontecem mais). A colaboradora mencionou inclusive o tempo anterior à atividade industrial ao se referir à existência de uma charqueada, local onde atualmente se encontra o colégio. Entre ambos os tempos houve continuidades, mas também descontinuidades, marcado pelo período de abandono que não foi mencionado por esses antigos operários e operária.

A adaptação feita ao método EFE, incorporando objetos para o caso de participantes que não tinham fotos, foi oportuna. O exemplo a seguir demonstra a etapa “foto/objeto-elicitación”, onde o entrevistado recorreu à sua carteira de trabalho, que embora seja um documento, não deixa de ser um objeto. No relato associado ao objeto, o participante reforça aquilo que motivou a adaptação do método.



Figura 2 - Fotografia da carteira profissional do Sr. Vitor Hugo Huckembeck
 Fonte: acervo de Daniela Vieira Goularte (2021).

A única coisa que eu tenho do Anglo, eu não tenho foto, não tenho nada daquilo lá, nada, a senhora falou e eu até fiquei pensando, não lembro de ter tirado uma foto lá e se tirei ficou com alguém, eu não fiquei com nenhuma. A única coisa que eu tenho, só minha carteira profissional, só, não tenho mais nada assim. [...] A carteira profissional não pode botar fora, embora aposentado tem que tá com ela guardada. (Vitor Hugo Huckembeck, 2021)

A análise conjunta dos instrumentos permitiu caracterizar a conjuntura industrial, como parte significativa da paisagem que resiste até os dias de hoje, identificando as relações existentes entre homens e mulheres e o trabalho: o tempo do trabalho, o tempo da divisão territorial, o tempo dos elementos construídos no espaço (Santos, 2006). Em soma, esses antigos trabalhadores vêm como muito positiva a reutilização do patrimônio industrial pela Universidade, embora se observem algumas discrepâncias relacionadas à conservação desses antigos espaços de trabalho como patrimônio.

Narrativas dos exploradores urbanos

O grupo que representa os exploradores urbanos é formado por 5 participantes,¹⁰ e se caracteriza por indivíduos de faixa etária entre os 34 e os 44 anos, que na sua maioria são/foram moradores do bairro Porto, e são graduados ou possuem graduação

¹⁰ O critério adotado para a identificação dos exploradores urbanos partiu de solicitação feita por dois participantes para que suas identidades fossem preservadas, por isso eles foram descritos pelas iniciais de seus nomes, seguido de suas idades e data da entrevista, conforme se observar nas referências.

incompleta pela Universidade Federal de Pelotas.

A combinação dos instrumentos aplicados aos participantes desse grupo buscou conhecer aspectos relacionados à prática de exploração urbana, à contemplação das ruínas como lugares de lazer, à apropriação das qualidades estéticas do abandono como inspiração para a produção de bens materiais e imateriais que integraram o movimento de contracultura vivido pela cidade de Pelotas em fins dos anos 1990 e início dos anos 2000, e à percepção sobre a reutilização do patrimônio local pela UFPel.

Os trechos das entrevistas demonstram como alguns dos participantes iniciaram e desenvolveram suas relações com o lugar.

[...] Eu não sou natural de Pelotas, eu me mudei pra lá quando eu tinha por volta de 14 anos, quando eu era criança eu morava [...] do lado de uma fábrica de conservas [...]. Então a minha primeira memória com relação ao Porto ela já remete a alguma coisa que me era familiar, da mais tênue infância assim, dos primeiros anos da minha vida mesmo, porque eu ouvia assim a chaminé da fábrica, ouvia os trabalhadores, e essa fábrica também foi à ruína ainda quando eu era criança. Então, depois eu encontrei essas ruínas multiplicadas, né, nesse cenário do Porto, daí eu retorno a uma coisa da infância assim sabe... (A.M.R., 2020).

A zona do Porto foi pra mim um lugar de recreação, por muitos anos, o lugar que eu ia, primeiro pra explorar, pra conhecer um bairro novo, porque até então eu só conhecia o Areal e o Fragata, [...] quando eu comecei a sair sozinho, sem meus pais, pegar a minha bicicleta e ir pra qualquer lugar, eu ia pro Porto justamente por esse *playground* que era pra mim as fábricas abandonadas, por muito tempo foi isso. (D.M.V., 2020, grifo nosso).

[...] Ao invés de ir para uma praça, ir para um parque, ir para uma praia, a gente ia para uma fábrica dessas, sabe, comprava uma bebida e ia pra lá, levava um violão pra tocar, uma bebida pra tomar, uma coisa pra comer, jogos, enfim, e ficava lá a tarde toda, conversando tirando fotos, explorando o lugar, esse tipo de coisa, [...] então eu considerava esses lugares assim, uma espécie de *playground*, era o *playground* de gente grande, [...] eram lugares mágicos, [...] como quem vai pra natureza, como quem vai pro mato, sabe, só que sem sair do próprio bairro, sem sair da cidade, a gente conseguir ia pra esses lugares e ter uma experiência totalmente imersiva, longe completamente de toda a vida cotidiana [...]. (A.M.L., 2020, grifo nosso).

Essas narrativas se conectam com suas memórias individuais e também coletivas, sendo possível identificar a existência de significados sociais e culturais compartilhados, como é o caso do *playground*, significado atribuído ao bairro como um todo, mas especificamente à antiga Cervejaria Haertel ou “Fábrica da Brahma”. Essa ressignificação como o seu “*playground*”, um atributo do lugar reconhecido pelo grupo, pode ser identificado como um valor simbólico. Percebe-se também o valor de uso, já que o

playground satisfaz as necessidades coletivas do grupo. Novamente as lembranças se vinculam a diferentes tempos, como é o caso da fala de A.M.R., para quem a vivência do tempo do abandono o conecta também com sua experiência quando era criança e chegou a ver as fábricas funcionando, os tempos se sobrepõem numa narrativa que na vivência do entrevistado se carrega de uma memória afetiva, sendo ela o nexos para evocar suas sensações de infância quando essas fábricas ainda funcionavam.

Pelas limitações advindas da pandemia (COVID-19), não foi possível gerar narrativas concomitantes à elaboração dos mapas mentais para todos os desenhos que foram produzidos. O exemplo a seguir mostra o caso de um mapa mental (Figura 3) cuja narrativa foi gerada durante a sua elaboração, confirmando o potencial que a associação de narrativas orais e visuais possui para dar visibilidade às experiências íntimas dos sujeitos com os lugares (Tuan, 2013), além de possibilitar um processo de reflexão e reinterpretção. Além disso, o colaborador foi entrevistado uns dias após e na sua fala remeteu novamente ao mapa mental e às imagens que ele mesmo destacou no desenho. Esse mapa permitiu e potencializou sua evocação deixando mais rica em detalhes sua própria fala sobre aquele espaço do bairro, assim como suas interpretações sobre a importância das identificações daqueles prédios enquanto espaços de produção industrial no passado.

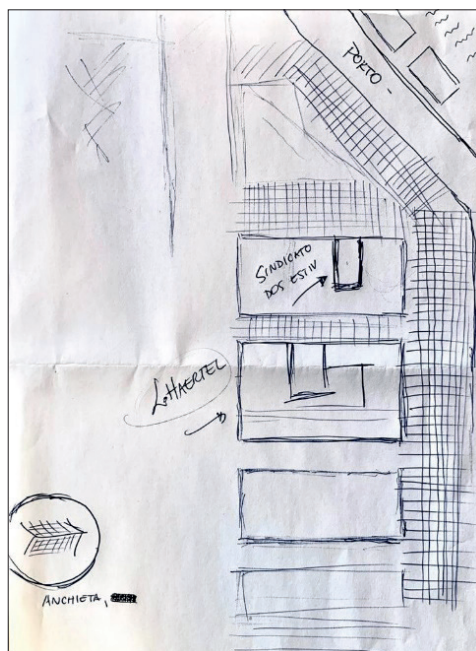


Figura 3 - Desenho do mapa mental elaborado por A.M.R.
Fonte: acervo de Daniela Vieira Goularte (2020).

Isso tudo vai muito fora de escala, mas a escala também vai denotar a importância das coisas né. [...] Aqui do lado tem um prédio que eu não sei se ainda está identificado, mas dizia assim “sindicato dos estivadores”, tinha um letreiro, tem agora umas oficinas mecânicas, aqui na esquina era a Cotada, mas esse prédio é o único que tem.

O colaborador, ao desenhar, foi explicando e dando significado às identificações desses prédios, muitas das quais hoje foram apagadas ao serem pintados. Ainda acrescentou:

[...] aqui funcionava uma fábrica de bolacha, aqui funciona uma cilagem de grãos de um camarada chamado James Power, aqui é a fábrica do Leopoldo Haertel, [...]. Mas o que é o espaço inteiro? O Porto em si, o Porto é só aquela rua, né, o Porto é lá na Conde de Porto Alegre lá no final, mas o bairro inteiro se chama Porto por causa do Porto. E por que que o Porto é Porto? Porque tem [o] estivador entende!?![risos] E aí aquele quadrado insignificante [em referência à fachada do sindicato dos estivadores], provavelmente uma das menores frentes naquela quadra, oito metros, dez metros de frente, é como se fosse uma bandeira assim da classe trabalhadora ‘isso aqui somos nós’, ainda... ‘está caindo, mas estamos aqui’. O fato deles pintarem, não precisava, não tem necessidade nenhuma de pintar, aquilo é morto praticamente, mas aí pintaram! Super interessante! Na representação eu sou obrigado a colocar o paralelepípedo, o granito recortado [...] porque a experiência de caminhar na madrugada ali, e ver o granito refletindo né, como o asfalto não faz, [...] o granito reflete em toda sua extensão, [...]. Eu sei que a neblina não muda a cor das coisas né, mas a neblina densifica a luz, e aí fica tudo meio sépia, e aí a gente se perde numa névoa, a luz ainda é amarela lá. (A.M.R., 2020).

As fotografias utilizadas na etapa foto-elicitação (Figuras 4 e 5) são de autoria dos colaboradores. As narrativas produzidas durante a explanação das imagens demonstram não só aspectos iconográficos como também iconológicos (Panofsky, 1991), confirmando da mesma forma o potencial da associação de narrativas orais e visuais para dar visibilidade às experiências íntimas dos sujeitos com os lugares.



Figura 4 - Fotografia. DSC03267 – Frigorífico Anglo.
Fonte: acervo de A.M.L. (21 jun. 2005).

[...] Eu me lembro que quando eu subi lá eu tirei umas fotos do Anglo lá de cima, [...] e ainda com os dizeres do Anglo na parede, aquilo ali era característico, sabe. Ter apagado esse letreiro do Anglo, quando a UFPel apagou isso aí, tipo, foi a pá de cal que faltava jogar em cima da Zona do Porto, sabe, como quem chega na lua e crava a bandeira, sabe, [...] é a mesma coisa que... sei lá, alguém chegar lá e tirar o letreiro de Hollywood, sabe, [...] imagina como os moradores do lugar vão se sentir, o Anglo era característico da Zona, e todo mundo olhava pra isso, via isso, e quando vê, de repente: UFPeel! [...] enfim, pelo menos a chaminé eles tiveram a decência de manter, [...] [o Anglo] parece que era um monumento da Zona, esse prédio muito grande, onde tu estavas na Zona do Porto, tu enxergava ele, então esse lugar sempre teve muito presente no imaginário dos moradores do lugar, sempre teve ali marcando sua presença, imponente, colossal [...]. O lugar onde é o Anglo, na beira do canal, a visão que se tem das peças mais altas lá, olhando pro Canal São Gonçalo, é muito legal! Então junta a própria natureza da nossa região, assim, que é muito bonita, muito característica, com o lance de banhado, da beira do canal, das aves e mais tudo o que acaba sendo praticamente um retrato do que é Taim, desse bioma... E também esse patrimônio industrial assim acaba fazendo parte, tá aí há tanto tempo... Pra uma pessoa da minha idade isso sempre esteve aí, desde que eu me conheço por gente, aqui na Zona, ele sempre esteve aí, [...] então essa foto eu considero uma relíquia, ela guardou muito bem esse momento assim [...]. (A.M.L., 2020, grifos nossos).

Nessa narrativa associada à fotografia o entrevistado demonstra plena compreensão do caráter do lugar, reconhecendo as qualidades peculiares que o identificam, provenientes da própria natureza do entorno e pelos elementos construídos pelo homem (Norberg-Schulz, 2008). Nesse reconhecimento também está presente a atribuição de valor estético e formal, que contribuem para definir as características do lugar oferecendo diversos estímulos, que intensificam as experiências e sentimentos, tornando o seu registro “uma relíquia”. Além disso, de acordo com a narrativa do participante, o letreiro cumpria uma função de sociotransmissor (Candau, 2018), pois sua presença na paisagem continha um significado que era reconhecido coletivamente pela comunidade e desempenhava um importante papel na formação da memória e no fortalecimento da rede de associações das lembranças e reconhecimentos. A crítica feita pelo colaborador sobre o apagamento do letreiro escrito *Anglo* converge com as práticas de reutilização que não preservam adequadamente o patrimônio industrial local, contribuindo para o processo de esquecimento ao longo do tempo.



Figura 5 - Fotografia. Brahma 037 – Porão da Brahma.
Fonte: acervo de A.M.L. (7 jan. 2005).

[...] Esse lugar aí ficava em baixo mais ou menos, não era exatamente embaixo da chaminé, mas era mais ou menos por ali por perto da chaminé da fábrica da Brahma. Isso era uma espécie de porão sem janelas, onde a luz do sol só entrava

por um buraco, uma espécie de claraboia que era um buraco que tinha no teto e por ali entrava água da chuva também. Então esse lugar por ser totalmente selado ele acabou enchendo d'água, e em certos momentos do dia entrava essa luz do sol maravilhosa por cima desse buraco no teto, que refletia na água, então essa água, nessa parte de baixo da foto é todo reflexo da água mesmo, é o espelho, essa foto é uma espécie de espelho d'água. Claro que aquilo lá estava cheio de lixo, [...] um lugar bem sujo, assim, [...] sei lá o que tinha naquele chão, mas era podre, só que o visual desse lugar era muito bonito, [...] essa imagem virou capa de um dos CDs, [...] que a minha banda lançou, [...] então esse lugar ficou imortalizado assim dessa forma [...]. Então a importância que esse local específico tem pra mim, a sala escura da Brahma com a água no chão e tal, e esse musgo na parede e essa luz maravilhosa entrando, um lugar assim esteticamente muito bonito. (A.M.L., 2020, grifos nossos).

A imagem mostra o porão da fábrica Brahma. A narrativa produzida sobre essa imagem confirma a admiração do entrevistado pela estética do abandono e de que maneira ele a utiliza para a produção de bens materiais da cultura *underground*, além de confirmar o seu conhecimento e percepção de natureza topológica em relação ao lugar. A narrativa demonstra que o lugar possui valor estético e formal, os quais proporcionam prazer aos sentidos. A qualidade de imortalidade, atribuída à sala escura da Brahma, confirma que as experiências em determinado lugar podem ser intensificadas e até carregadas de emoções se esse lugar oferecer estímulos que reforcem o seu caráter, tornando-o distinto, fácil de ser identificado e lembrado (Tuan, 2013).

A análise conjunta das narrativas orais e das diversas fontes visuais produzidas pelos exploradores urbanos revelam interessantes aspectos da sua relação com o lugar, muitas vezes interpretada como uma forma subversiva de ser e estar no meio urbano. Os integrantes do grupo divergem sobre a reutilização dos antigos espaços de trabalho pela Universidade, enquanto uns entendem que destiná-los à educação é a melhor opção, outros entendem que destiná-los à cultura voltada para a comunidade local seria o mais adequado. O período do abandono era visto como um problema devido à ausência do Estado e de investimentos públicos e privados. Foi justamente por causa dessa ausência dos agentes controladores do Estado que as ruínas industriais puderam ser vivenciadas pelo seu caráter pedagógico (Meneguello, 2014) e artístico, transformando-se em verdadeiros *espaços de representação* – na concepção de Lefebvre, de reflexão e fruição, experimentação e reinterpretação.

Narrativas da comunidade acadêmica

Para a comunidade acadêmica aplicou-se dois questionários. O primeiro, constituído de 15 perguntas, foi elaborado com questões descritivas para respostas

curtas e respostas longas, e com questões de marcar para respostas de única escolha e de múltiplas escolhas. As questões buscaram conhecer aspectos relacionados à percepção que as pessoas tinham do lugar tanto na escala urbana quanto arquitetônica, apontando seus problemas e potencialidades, além de aspectos relacionados à reutilização do patrimônio.

O primeiro questionário foi respondido por 62 pessoas,¹¹ distribuídas nas três categorias a seguir: discentes (37,1%), docentes (16,1%) e técnicos administrativos (46,8%). Do total de participantes, 31 pessoas (50%) são naturais de Pelotas e 31 (50%), são de outras localidades, formando um grupo com perfil de nativos e visitantes, o que para Tuan (1974) é um dado importante, já que suas percepções focalizam aspectos bem diferentes do meio ambiente. O grupo também é formado por indivíduos pertencentes a diferentes gerações, cuja faixa etária vai dos 20 aos 70 anos.

Os resultados obtidos com o primeiro questionário possibilitaram a geração de diversos gráficos, tabelas e trechos narrativos com dados e informações importantes sobre as rotinas desenvolvidas pela comunidade acadêmica, sobre sua avaliação em relação à reutilização do patrimônio industrial, e sobre a percepção que têm sobre o lugar. Os trechos selecionados assim o demonstram:

Acho interessante a reutilização desses espaços pela Universidade, pois oferecem uma nova perspectiva a um conjunto de prédios que em outros tempos congregaram atividades vinculadas ao cotidiano fabril da cidade. Neste sentido, apesar desse potencial, o principal sentido que atribuo a estes espaços seria como de um projeto inacabado, algo que se perdeu no caminho... Vejo uma Universidade dispersa em diversos espaços e com culturas acadêmicas e administrativas muito distintas. Acredito que a articulação entre os espaços adquiridos pela Universidade e a construção de uma Universidade integrada ainda permanece em latência, pois há pouca integração entre os alunos e servidores dos respectivos *campi*. Acredito que esse fato se deve à falta de espaços de convivência, como livrarias, restaurantes e cafés que permitam incitar esse espaço de trocas. Também penso que a realização de atividades culturais deveria ocorrer com mais frequência. Entretanto, frente ao novo contexto de cortes orçamentários por parte do governo federal e das políticas de austeridade, acredito que essa perspectiva de promoção e incentivo à Universidade pública de qualidade, que valorize a cultura e a promoção do patrimônio, seja ainda mais dificultada. (P. 21, TA, 2020). Percebi que os estudantes da UFPel desconhecem que aqueles lugares são patrimônio ou têm a potencialidade de serem patrimonializados. Acho que dentro da UFPel devem começar projetos mais ativos sobre a história e memórias daqueles espaços. (P. 46, DI, 2020).

¹¹ Como os questionários não solicitaram os nomes dos participantes, a sua identificação no primeiro questionário foi feita pela sua ordem de preenchimento, seguido da sua categoria, e da data do preenchimento (participante nº, categoria, data).

Sinceramente preferiria prédios que fossem feitos do zero, o que daria maior liberdade para os projetistas fazerem um trabalho sem limitações e com menos imprevistos. Porém imagino que sejam prédios históricos nos quais a demolição não seja viável. Neste caso é uma pena pela série de inconvenientes que a estrutura original dos mesmos nos proporciona. (P. 48, DI, 2020).

Devido à variedade de percepções provenientes das respostas, decidiu-se construir uma “nuvem de percepções” (Figura 6), baseada na ferramenta “nuvem de palavras”, para destacar as diversas e principais características atribuídas pela comunidade acadêmica ao lugar.¹²



Figura 6 - Desenho da “nuvem de percepções” da comunidade acadêmica sobre o lugar estudado.
Fonte: elaborado por Daniela Vieira Goularte (2020).

O segundo questionário, constituído de oito perguntas, foi elaborado apenas com questões descritivas para respostas curtas e respostas longas, as quais buscaram obter informações de caráter pessoal e subjetivo, relacionadas às memórias, valores, afetos e expectativas com o lugar. Dos 62 participantes do primeiro questionário, 46 manifestaram interesse em participar deste segundo momento, porém, somente nove efetivamente participaram.¹³ A síntese dessas lembranças e experiências pessoais com aqueles espaços, agora acadêmicos, estão presentes nas seguintes respostas:

Acho que há duas questões associadas e contraditórias: o patrimônio ambiental é o

¹² Foram construídas mais duas “nuvens de percepções”, uma com as respostas provenientes do grupo de nativos, e outra com as do grupo de visitantes, com o objetivo de verificar os diferentes aspectos percebidos por eles.
¹³ A identificação dos participantes no segundo questionário foi feita somente pela sua ordem de preenchimento (participante nº).

mais rico e é barrado pela urbanização e arquitetura. A urbanização e a arquitetura são importantes, mas não são preservados. É uma dupla questão. (P. 1).

Com meu olhar de hoje, acredito que a Praça “da Alfândega” e o próprio Porto. Vejo um potencial de espaço social/lazer incrível. Espero que o projeto feito para aquele espaço seja concretizado. (P. 2).

Os lugares mais significativos para mim são os prédios do ICH I e da Biblioteca, pois fazem parte da minha memória como estudante de graduação e dos meus primeiros passos como pesquisadora. (P. 3). Penso que esses bairros têm um evidente valor afetivo, mas também um valor histórico, enquanto testemunhos do modo de vida de parte da comunidade que vive em Pelotas. (P. 4).

Lembro do tempo que estava na Faculdade de Arquitetura. Em função da faculdade estar localizada nessa área, lembro de circular bastante por lá. Lembro também de fazer vários trabalhos nessa área. Posteriormente tenho lembranças quando já professora da UFPel. Tenho lembranças também de circular pelo espaço e de realizar trabalhos no bairro com os alunos. (P. 5).

A análise conjunta dos questionários para o denominado período universitário demonstra certa frustração frente às expectativas de revitalização da área, gerada em função da inserção da UFPel. Observa-se que existe consciência por parte da comunidade acadêmica sobre a existência de valores de rememoração (*erinnerungswerte*), ligados à memória e ao passado; e de contemporaneidade (*gegenwartswerte*), ligados ao presente (Choay, 2006) envolvidos nesse processo de reutilização do patrimônio industrial da cidade. Esses valores são opostos e contraditórios, o que torna a prática de reutilização um desafio, cujas soluções a serem priorizadas dependerão dos contextos sociais e culturais em que estão inseridos.

Considerações finais

A pesquisa teve como ponto de partida o que se interpretou como uma desconsideração da dimensão intangível em relação ao patrimônio industrial localizado na “Zona do Porto” da cidade de Pelotas (RS), no processo de transformação da área, quando a UFPel decidiu adquirir e reutilizar esse patrimônio.

A metodologia proposta mostrou-se eficiente para comprovar a existência dessa dimensão intangível relacionada com aspectos materiais (suportes físicos) e imateriais (afetivos, valores e percepções). Os resultados da metodologia aplicada demonstraram que as diferentes narrativas, relacionadas à cada um dos períodos, são repletas de

experiências e informações significativas mesmo quando analisadas individualmente. Quando essas narrativas são entrelaçadas, outros aspectos são revelados, ampliando a rede de informações acerca do tema. Isso confirma que as narrativas de “pessoas comuns” são fontes valiosas para a reconstrução histórica daquele espaço industrial e seus posteriores momentos. Essas percepções podem subsidiar a construção de novos conhecimentos, dentre eles, melhorar os instrumentos para a preservação do patrimônio industrial e as ações de planejamento para a área.

A postura dialética, desenvolvida através do método regressivo-progressivo transitou em duplo sentido pelo curso da história. Nesse trânsito encontrou-se distintos passados, que, reinterpretados e ressignificados no presente, permitem a criação de novas narrativas. Tais narrativas orais em conjunto com as fontes visuais trouxeram aspectos relevantes para a compreensão desse patrimônio industrial da cidade, apontando interessantes questões que demonstraram a validade da escolha metodológica ao mesmo tempo que potenciaram as experiências vividas e transmitidas pelos diversos atores vinculados a esse patrimônio.

Por último, é possível refletir sobre o vínculo entre o campo do patrimônio cultural – concretamente do patrimônio industrial – e as potencialidades das narrativas orais que evocaram os diversos tempos envolvidos no processo de preservação e reutilização dessas antigas fábricas. São esses aspectos intangíveis que afirmam a relevância da metodologia da História Oral e demonstram a importância de incluir no processo não só as memórias de trabalhadores e trabalhadoras (relacionadas ao tempo da indústria), como também as vivências posteriores de diversos atores que também geraram pertença e laços afetivos com esses antigos espaços de produção (especialmente os colaboradores do período do abandono). Eles são atores fundamentais na produção e transmissão de conhecimento sobre o passado dos locais que agora têm um novo uso: o acadêmico. Registrar e preservar as memórias desses atores através da oralidade torna-se essencial nas políticas de preservação do patrimônio, o que conforme Bauer e Borges (2018) demonstra a potencialidade dessas vozes, que, ao participarem ativamente como sujeitos dessas memórias, afirmam sua representatividade, transformando o espaço de fala, escuta e diálogo essenciais para consolidar espaços de compartilhamento de histórias e experiência (Bauer; Borges, 2018), como é o caso dos antigos lugares de produção industrial da Zona do Porto de Pelotas.

Os processos de preservação do patrimônio industrial encontram-se ainda carentes da inclusão sistemática das memórias dos mundos do trabalho, assim como das memórias posteriores (as que falam dos tempos em que tais lugares ainda não se transformaram em patrimônio). Recuperá-las através da oralidade permite que a dimensão humana carregada de vivências, afetos, contradições e expectativas forme parte dos aspectos intangíveis tão importantes quanto necessários para um adequado processo de patrimonialização construído por e para as comunidades que deram existência a essa produção industrial no passado e as que hoje usufruem esse patrimônio.

Para que, como afirma Portelli (2018), essa recuperação e reuso não traia a história e assim o legado dessa atividade produtiva do passado seja compreendido e valorizado no presente.

Referências

- BAUER, Letícia; BORGES, Viviane Trindade (Org.). *História oral e patrimônio cultural: potencialidades e transformações*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, 1).
- CANAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 2013.
- DUARTE, Cristovão Fernandes. A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço. *Mundo Urbano*, 1 ago. 2010. Disponível em: <https://cristovao1.wordpress.com/2010/08/01/a-dialetica-entre-permanencia-e-ruptura-nos-processos-de-transformacao-do-espaco/>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2. ed. Pelotas: Editora UFPel, 2001.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Maritn; GASKELL, George (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 90-113.
- LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing Libros, S.L. 2013.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- MENDONÇA, José Ricardo Costa de; VIANA, Marcilio Freire Tabosa. Entrevista com Foto-Elicitação (EFE): o uso de métodos visuais para o estudo do ambiente físico nas organizações. In: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 1., 2007, Recife. *Anais...* Maringá: Anpad, 2007.
- MENEGUELLO, Cristina. As ruínas do futuro e o novo patrimônio industrial: entrevista com Cristina Meneguello. *Contexto*, Mossoró, v. 4, p. 249-255, 2014.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008. 443-461.
- PANOFKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PELOTAS. *Lei nº 4.568, de 7 de julho de 2000*. Declara área da cidade como zonas de preservação

do patrimônio cultural de Pelotas – ZPPC's – lista seus bens integrantes e dá outras providências. Pelotas: Câmara Municipal, 2000.

PELOTAS. *Lei nº 5.502, 11 de setembro de 2008*. Institui o III Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas: Câmara Municipal, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Prefácio. In: MATOS, Ana Cardoso de; SALES, Telma Bessa (Coord.). *Conversando sobre patrimônio industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*. Sobral: Edições UVA, 2018. 7-9.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte de escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICOEUR, Paul. Arquitetura e narratividade. *Urbanisme*, n. 303, p. 44-51, nov./dez. 1998.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne (Org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec: Senac São Paulo, 2005. p. 18-34.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.

SOSA GONZÁLEZ, Ana María. A UFPel, a cidade de Pelotas e seu patrimônio industrial: uma reflexão e sistematização a partir do projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel”. In: MICHELON, Francisca Ferreira. [Org.] *O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas*. Pelotas: Editora UFPel, 2019. p. 85-123. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4869>. Acesso em: 30 jun. 2022.

TICCIH-Brasil - COMITÊ BRASILEIRO PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL. Cartas Patrimoniais. *Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial*. 2003. Disponível em: https://ticcihbrasil.org.br/?page_id=675. Acesso em: 13 jul. 2022.

TICCIH-Brasil - COMITÊ BRASILEIRO PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL. Cartas Patrimoniais. *Princípios de Dublin*. 2011. Disponível em: https://ticcihbrasil.org.br/?page_id=686. Acesso em: 13 jul. 2022.

TICCIH-Brasil - COMITÊ BRASILEIRO PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL. *Carta de Sevilha de Patrimônio Industrial*. 2018. Disponível em: <https://ticcihbrasil.org.br/?p=1042>. Acesso em: 13 jul. 2022.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Caetano do Sul: Difusão Editorial, 1974.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

VEIIRA, Sidney Gonçalves. *A cidade fragmentada, o planejamento e a segregação social do espaço urbano em Pelotas*. Pelotas: Editora UFPel, 2005.

Fontes orais

A.M.L. [44 anos]. [ago. 2020]. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, RS, 23 ago. 2020.

A.M.R. [34 anos]. [set. 2020]. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, RS, 25 set. 2020.

D.M.V. [36 anos]. [out. 2020]. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, RS, 10 out. 2020.

HUCKEMBECK, Vitor Hugo. [68 anos]. [jan. 2021]. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, RS, 26 jan. 2020.

PEREIRA, Gerson Jesus. [65 anos]. [dez. 2019]. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, RS, 4 dez. 2019.

SANG, Marcelo Wong Lopes Niok. [out. 2021]. Entrevistador: Gabriel Basilio de Campos; Pelotas, RS, 11 out. 2021

SILVEIRA, Maria Elizabete Huckembeck. [66 anos]. [fev. 2021]. Entrevistadora: Daniela Vieira Goularte. Pelotas, RS, 4 fev. 2021.

Recebido em 29/10/2021

Versão final reapresentada em 31/05/2022

Aprovado em 09/06/2022

Contribuições dos autores: Goularte: concepção da pesquisa e gravação dos depoimentos, pesquisa bibliográfica; Sosa González: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, análise dos dados e redação, coordenadora do grande projeto que embasa este artigo.

Fonte de financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PBIC) e Programa de Bolsas de Iniciação à Pesquisa - Ações Afirmativas (PBIC/AF) da UFPel.

Conflito de interesses: nada a declarar.